

Abordagem quantitativa da referenciação anafórica em narrativas orais

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3766>

Waldemar Ferreira Netto¹

Resumo

Referenciações provocam mudanças dinâmicas nos interpretantes evocados pelos interlocutores. Discretizadas em objetos de discurso, expressões nominais ou pronominais dêiticas de 1ª ou 2ª pessoa, implicam índices como partículas pronominais ou posições sintáticas. Com base nesse princípio, este estudo teve como objetivo analisar quantitativamente os lapsos temporais entre ocorrências de diferentes tipos de referenciação em narrativas orais, buscando compreender como esses intervalos influenciavam a manutenção de interpretantes e a coesão textual. Foram examinadas 11 narrativas orais transcritas, nas quais se identificaram cadeias coesivas iniciadas por expressões imagéticas. Cada elemento foi classificado segundo sua natureza referencial, e se registraram, em segundos, os lapsos entre uma ocorrência e sua retomada subsequente. As elipses foram marcadas como PRO, tomando-se como referência o ponto sintático que permitia sua inferência. Os dados foram submetidos a ANOVA e testes t. Os resultados mostraram diferenças estatisticamente significativas entre os tipos de referenciação ($F_{(9,985)} > F_{c(3,316)}$; $p < 0,001$). As correferências nominais apresentaram os maiores lapsos médios (10,16 s), diferindo significativamente das anáforas pronominais (4,70 s) e das elipses anafóricas (3,63 s), ambas com $p < 0,001$. As anáforas de 3ª pessoa exibiram maior regularidade temporal ($cv = 0,26$), enquanto as elipses mostraram maior variabilidade ($cv = 0,51$). Foi possível verificar que a estrutura temporal das cadeias coesivas refletiu diferentes demandas cognitivas: correferências exigiam maior atualização interpretativa, ao passo que pronomes e elipses favoreciam retomadas mais rápidas. Esses achados reforçaram a compreensão dos mecanismos de coesão em narrativas orais e sua relação com o processamento linguístico.

Palavras-chave: referenciação; lapsos temporais; objetos de discurso.

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; wafnetto@usp.br; <https://orcid.org/0000-0002-4136-341X>.

A quantitative approach to anaphoric referencing in oral narratives

Abstract

Referencing processes induce dynamic modifications in the interpretants evoked by interlocutors. When discretized as discourse objects – whether nominal expressions or first and second person deictic pronominal forms – such processes entail indices expressed through pronominal particles or syntactic positions. Grounded in these principles, this study aimed to quantitatively examine the temporal lapses between occurrences of distinct types of referencing in oral narratives, with the purpose of determining how such intervals influence the maintenance of interpretants and the establishment of textual cohesion. Eleven transcribed oral narratives were analyzed, within which cohesive chains initiated by imageable expressions were identified. Each element was classified according to its referential nature, and the temporal lapse, in seconds, between an occurrence and its subsequent resumption was recorded. Elliptical forms were marked as PRO, using the syntactic position that enabled their inference as a reference. The dataset was submitted to ANOVA and ttests. The results revealed statistically significant differences among the referencing types ($F_{(9,985)} > F_{c(3,316)}$; $p < 0.001$). Nominal coreferences exhibited the longest mean lapses (10.16 s), differing significantly from pronominal anaphors (4.70 s) and anaphoric ellipses (3.63 s), both with $p < 0.001$. Third person anaphors displayed greater temporal regularity ($cv = 0.26$), whereas ellipses presented higher variability ($cv = 0.51$). The temporal structure of the cohesive chains thus reflects distinct cognitive demands: nominal coreferences require more extensive interpretive updating, whereas pronominal and elliptical forms facilitated faster resumptive processing. These findings reinforce the understanding of cohesion mechanisms in oral narratives and elucidate their relationship with linguistic processing.

Keywords: referencing; temporal lapses; discourse objects.

Introdução

O pensamento narrativo próprio do senso comum (Bruner, 1991a) pressupõe o estabelecimento de interpretantes iniciais (Peirce, CP 8.117)², sua memorização

2 Estou tomando aqui a proposição de Peirce: “[...] aquilo que o autor visou apontar para você, presumindo que você tenha toda a informação colateral necessária, ou seja, apenas a qualidade do elemento simpático da situação, geralmente algo muito familiar – algo que provavelmente você nunca havia percebido tão claramente antes – isso é o Interpretante do Signo, – sua “significância”. No original: that which the writer aimed to point out to you, presuming you to have all the requisite collateral information, that is to say just the quality of the sympathetic element of the situation, generally a very familiar one – a something you probably never did so clearly realize before – that is the Interpretant of the Sign, – its “significance.” (Peirce, 1994, CP 8.117).

(Baldassano *et al.*, 2017) e sua transformação subsequente (Ricoeur, 2013).³ Para tanto, o estímulo inicial precisa advir de dados experienciados que se possam resgatar por meio de símbolos imagéticos cuja materialidade recebe suporte afetivo capaz de garantir a atenção do receptor (Berridge; Robinson, 1998; Nieoullon, 2002; Sanchez; Spencer, 2013). A esse respeito, Paul Ricoeur (1979) já afirmara que “não há história sem que a nossa atenção seja mantida em suspense por mil contingências.”⁴

A formação de um estímulo imagético pode ser entendida como um processo de estabelecimento de tópico, que Hockett (1958, tradução própria) descreve como: “o falante anuncia um tópico e, em seguida, fala algo a respeito dele”⁵. Assim, pode-se entender que o símbolo topicalizado se torna um protótipo (Rosch, 1973; 1975) que serve como interpretante inicial *ad hoc* definidor do tema narrativo, a partir do qual se busca reconhecimento e, com isso, satisfação pessoal. O trabalho de Rohaut e seus colegas (2016), por exemplo, mostrou que a presença de um estímulo lexical semanticamente orientado para uma área semântica específica (um campo semântico específico) restringe as possibilidades de interpretação dos estímulos lexicais que se lhe seguem. Esse fato, aparentemente, restringe-se a uma antecipação do estímulo semântico condutor, caracterizando-se, tal como propôs Hockett, como elemento topicalizado, isto é, colocado em posição de tópico e definidor do tema ou campo semântico a partir do qual as mensagens seguintes serão interpretadas.

Interpretantes dessa natureza gerados por estímulos linguísticos dependem da materialidade fonética (ou gráfica) da língua. A captura sonora exige esforço fonológico capaz de reconstituir símbolos imagéticos que compõem o repertório lexical disponível. Numa narrativa, essas formas materiais fonéticas estão dispostas linearmente formando sentenças, sintaticamente estruturadas, mas que se processam oralmente num eixo temporal cuja duração objetiva não encontra correspondência exata com o eixo discursivo. Para uma narrativa, pode-se entender três noções distintas de tempo: *tempo dos acontecimentos*, *tempo do discurso* e *tempo da leitura*. São distinções feitas por Umberto Eco (1994). O tempo dos acontecimentos é o tempo real, histórico, durante o qual os eventos efetivamente ocorreram, por isso vão ser definidos como “referência/*Bedeutung*.” (Frege, 1892, 1978). O tempo do discurso, entretanto, é o tempo que vai descrito pelas

3 Tradução própria: “Se, de facto, cada história pode ser considerada como uma cadeia de transformações que conduzem de uma situação inicial a uma situação terminal, a identidade narrativa da personagem só pode ser o estilo unitário de transformações subjetivas reguladas pelas transformações objetivas que obedecem ao regra de completude, totalidade e unidade do enredo. No original: “Si, en effet, toute histoire peut être considérée comme une chaîne de transformations qui conduisent d’une situation initiale à une situation terminale, l’identité narrative du personnage ne saurait être que le style unitaire de transformations subjectives réglées sur les transformations objectives qui obéissent à la règle de complétude, de totalité et d’unité de l’intrigue.” (p. 252-253).

4 No original “Pas d’histoire sans que notre attention soit tenue en haleine par mille contingences.” (p. 212).

5 No original: “The most general characterization of predicative constructions is suggested by the terms “topic” and “comment” for their ICs: the speaker announces a topic and then says something about it” (p. 201).

sentenças. Não é um tempo real. Uma narrativa cujo tempo dos acontecimentos durou uma vida inteira pode ter um tempo do discurso que dura três sentenças. Lima Barreto (2018, p. 2525), no texto “Queixa de defunto”, usa desse recurso: “Nasci, vivi e morri modestamente...”. O tempo da leitura é o tempo real que dura efetivamente a leitura/audição do texto.

Progressões referenciais

A cavaleiro do tempo do discurso e do tempo de leitura, Halliday e Hassan (1977) propuseram que o conceito de coesão de um texto decorresse da relação entre elementos componentes de sentenças.

[...] existe um tipo específico de relação de significado que é fundamental para a criação de textura: aquela em que UM ELEMENTO É INTERPRETADO POR REFERÊNCIA A OUTRO. O que a coesão tem a ver é a forma como o significado dos elementos é interpretado. Quando a interpretação de qualquer item do discurso exige fazer referência a algum outro item do discurso, há coesão.⁶

Segundo eles, uma série de elementos de discurso que se interpretam por referências a outros forma uma cadeia coesiva (p. 15). Entende-se que definição temática, progressão referencial (ou cadeias coesivas) e seleção lexical são aspectos a serem observados nas narrativas.

[...] o conceito de coesão dá conta das relações semânticas essenciais pelas quais qualquer passagem da fala ou da escrita é capacitada para funcionar como texto. Podemos sistematizar este conceito classificando-o num pequeno número de categorias distintas – referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical; categorias que têm uma base teórica como TIPOS distintos de relação coesa, mas que também fornecem um meio prático para descrever e analisar textos. Cada uma dessas categorias é representada no texto por características particulares – repetições, omissões, ocorrências de determinadas palavras e construções – que têm em comum a propriedade de sinalizar que a interpretação da passagem em questão depende de outra coisa. Se essa “outra coisa” for verbalmente explícita, então há coesão (Halliday; Hasan, 1977, p. 13)⁷.

6 Tradução própria. No original: “[...] there is one specific kind of meaning relation that is critical for the creation of texture: that in which ONE ELEMENT IS INTERPRETED BY REFERENCE TO ANOTHER. What cohesion has to do with is the way in which the meaning of the elements is interpreted. Where the interpretation any item in the discourse requires making reference to some other item in the discourse, there is cohesion” (p. 12).

7 Tradução própria. No original: “Thus the concept of cohesion accounts for the essential semantic relations whereby any passage of speech or writing is enabled to function as text. We can systematize this concept by classifying it into a small number of distinct categories – reference, substitution, ellipsis, conjunction, and lexical cohesion; categories which have a theoretical basis as distinct TYPES of cohesive relation, but which

A progressão referencial deve fundamentar-se nas correferências e nas anáforas que estabelecem coesão no texto narrativo. A definição temática deve fundamentar-se, num primeiro momento, nos processos de topicalização, entendendo-se, aí, como posição de tópico a posição mais à esquerda, isto é, a posição inicial da sentença (gramatical ou narrativa). A seleção lexical deve fundamentar-se em aspectos, primeiro, quantitativos do léxico para, então, definirem-se itens lexicais específicos a partir da morfologia (derivados e flexões) e de sua semântica.

Em trabalho que procura formalizar os elementos que constroem progressões referenciais, Milner (2003) estabelece dois conjuntos definidos por suas relações referenciais: *correferências* e *anáforas*. As correferências caracterizam-se por serem expressões nominais ou pronominais, estas últimas especialmente quando reportam figuras enunciativas. De maneira geral, as correferências baseiam-se em interpretantes imagéticos. As anáforas, por sua vez, também, segundo Milner (2003), podem caracterizar-se como pronominais – nesta investigação restritas às formas pronominais de 3p – ou nominais. As anáforas pronominais são as expressões que, por si só, não dispõem de referência imagética e, por isso, não podem gerar interpretantes, senão por remissão a outros termos do texto. São, de maneira geral, elementos gramaticais; anáforas nominais que decorrem do uso de metáforas que apenas recategorizam o item a que fazem remissão. Estas últimas serão tomadas nesta investigação como correferências nominais.

Koch (2008) retoma o conceito de “objeto de discurso” (Mondada, 1995),⁸ e descreve o elemento em posição de tópico como ponto de partida de uma progressão referencial.

O primeiro passo na construção de um texto é a introdução de um objeto-de-discurso na memória textual (em geral, por meio de um nome próprio ou forma nominal). [...] Quando a introdução se faz por meio de um nome próprio, tem-se apenas a nomeação do objeto. Já no caso de se tratar de uma expressão

also provide a practical means for describing and analysing texts. Each of these categories is represented in the text by particular features – repetitions, omission, occurrences of certain words and constructions – which have in common the property of signalling that the interpretation of the passage in question depends on something else. If that ‘something else’ is verbally explicit, then there is cohesion”.

8 “Os objetos de discurso, como o termo indica, têm um modo de existência discursivo: é no e através do discurso que eles emergem contextualmente e são transformados dinamicamente. Esses objetos são constitutivamente instáveis, surgem de discussões e são apanhados em controvérsias, mas podem ser estabilizados por meio de procedimentos específicos que constroem a facticidade das “descobertas” científicas. Apela, portanto, a uma análise que se concentre tanto na instabilidade contextual dos objectos como nos seus modos de estabilização.” Tradução própria. No original: « Les objets de discours, comme le terme l’indique, ont un mode d’existence discursif: c’est dans et par le discours qu’ils émergent contextuellement et se transforment dynamiquement. Ces objets sont constitutivement instables, naissant de la discussion et étant pris dans les controverses, mais peuvent être stabilisés à travers des procédures spécifiques qui construisent la facticité des « découvertes » scientifiques. Ils sollicitent donc une analyse qui porte à la fois sur l’instabilité contextuelle des objets et sur leurs modes de stabilisation » (p. 57).

nominal, opera-se uma primeira categorização do objeto-de-discurso, o qual, a cada retomada, pode ser mantido como tal ou, então, recategorizado por outras expressões nominais (p. 101-102).

Ao introduzir um objeto de discurso numa enunciação qualquer, o autor terá atuado não somente selecionando o evento real que ele quer codificar, mas fará sua avaliação pessoal desse evento e, a partir de então, o transformará sucessivamente durante sua enunciação. Desse ponto de vista, Mondada e Dubois (2003) propuseram que a codificação de eventos teria de ser necessariamente tomada como um processo dinâmico, em que os interpretantes peircianos se transformariam continuamente (Mondada; Dubois, 2003), atribuindo diferentes valores e interpretações para a referência (*Bedeutung*) de Frege (1978).

Em todas as situações, o processo de referenciação exige a contrapartida material da linguagem, expressa na correspondência entre a sequência linear da fala ou da escrita e a transformação dos interpretantes que ela gera. Halliday e Hasan (1977, p. 143), entretanto, já apresentavam uma terceira possibilidade de elementos remissivos. Os autores caracterizavam a forma elíptica – ora tratada como [PRO] – como um espaço [slot] preenchível remissivo previsto na estrutura sentencial, ou oracional, que não ganha materialidade fonética.

Estamos nos referindo especificamente a frases, orações, etc., cuja estrutura é tal que pressupõe algum item precedente, que então serve como fonte da informação faltante. Um item elíptico é aquele que, por assim dizer, deixa espaços (*slots*) estruturais específicos a serem preenchidos a partir de outro lugar. Isso é exatamente o mesmo que pressuposição por substituição, exceto que na substituição é usado um ‘contador’ explícito, por exemplo: um ou de, como um marcador de lugar para o que é pressuposto, enquanto na elipse nada é inserido no espaço [slot]. É por isso que dizemos que a elipse pode ser considerada como substituição por zero.⁹

Tais formas dadas como elípticas também podem ocorrer nos elementos que seriam inalienáveis ou cuja alienação seria facilmente inferida do contexto linguístico, como nas sentenças: “e sempre na, na cabeça da bala [PRO]3 [eu], **passava** aquela cera de

9 Tradução própria. No original: “When we talk of ellipsis, we are not referring to any and every instance in which there is some information that the speaker has to supply from his own evidence. That would apply to practically every sentence that is ever spoken or written, and would be of no help in explaining the nature of a text. We are referring specifically to sentences, clauses, etc. whose structure is such as to presuppose some preceding item, which then serves as the source of the missing information. An elliptical item is one which, as it were, leaves specific structural slots to be filled from elsewhere. This is exactly the same as presupposition by substitution. except that in substitution an explicit ‘counter’ is used. eg: one or de, as a place-marker for what is presupposed. whereas in ellipsis nothing is inserted into the slot. That is why we say that ellipsis can be regarded as substitution by zero” (p. 143).

vela benzida.” e “[eu]₁, toda a vida [eu]₁ **usei** a cabeça [PRO]₁”. Nesta última sentença, a forma “cabeça” é inalienável, uma vez que, não fosse referente ao narrador, seu possuidor teria de ser expresso. No caso da sentença anterior, a forma “bala” permite a inferência, praticamente exclusiva, de “revólver”.

Na medida em que esse processo tem uma relação estreita com o estabelecimento da coesão textual, é de se pressupor que o acompanhamento dos processos de referenciação pela remissão contínua de elementos componentes de sentenças entre si é condição necessária para a compreensão de um texto narrativo. Koch e Vilela (2001, p. 496) chamam a atenção para a memorização dos elementos iniciais como “frames” que servem de referência temática para as interpretações posteriores.

A manutenção do tema do texto é garantida, muitas vezes, pelo uso de termos pertencentes ao mesmo campo lexical [...] Através desses termos, um “frame” ou esquema cognitivo é ativado na memória do leitor/ouvinte, de modo que outros elementos do texto serão interpretados dentro desse “frame”, o que permite, por exemplo, desfazer ambiguidades e avançar perspectivas sobre o que deve vir em sequência no texto.¹⁰

Nosso propósito nesta investigação foi verificar o lapso temporal que ocorre naturalmente para a manutenção de interpretantes gerados por itens lexicais que desencadeiam processos referenciais em narrativas. Desse ponto de vista, estamos tomando especialmente o tempo da leitura, considerando que a duração de um interpretante deve estar presente na memória de um ouvinte até que seja submetido a uma transformação qualquer.

Materiais e métodos

Para essa análise buscamos 11 narrativas, que já haviam sido consideradas em trabalho anterior (Martins; Ferreira-Netto, 2022). Constavam de arquivos extraídos do *site* YouTube selecionados pela qualidade da gravação. Tratava-se de narrativas populares orais, extraídas dos arquivos pelo *software* Audacity em formato mp3 e analisadas com o *software* Speech Filing System (Huckvale *et al.*, 1987; Huckvale, 2008). Cada análise foi feita considerando as diversas cadeias coesivas que se formavam e que partiam de um elemento prototípico inicial. Os elementos dessas cadeias coesivas foram categorizados pelas definições de Milner (2003) como *correferências nominais* ou *pronominais*,

10 Os autores referem Halliday e Hasan (1977) que dizem “This form of cohesion is lexical; it consists in selecting the same lexical item twice, or selecting two that are closely related. The two instances may or may not have the same referent; but the interpretation of the second will be referable in some way to the first.” (p. 12) ‘Essa forma de coesão é lexical. Consiste na seleção do mesmo item lexical duas vezes ou na seleção de dois itens lexicais intimamente relacionados. As duas instâncias podem ou não ter a mesma referência, mas a interpretação do segundo decorrerá do primeiro de alguma maneira.’ Tradução própria.

respectivamente nomes imagéticos e pronomes dêiticos e como *anáforas pronominais*, especialmente pronomes anafóricos de 3p. Além dessas categorias, também se considerou as elipses anafóricas. Dada sua materialidade fonética, correferências e pronomes anafóricos foram categorizados conjuntamente como “1”. Os momentos iniciais de ocorrências foram tomados como referências temporais de cada elemento da cadeia coesiva. As elipses anafóricas, por sua vez, foram marcadas como “0”. Tendo em vista tratar-se de categorias vazias, i. é, sem materialidades, a forma PRO foi utilizada como marca gráfica, a despeito das origens teóricas que esse termo pode assumir (Xavier; Mateus, 1992). Como momentos de referência dessas elipses, foram tomados o final do momento sonoro que imediatamente precedia o ponto sintático que permitia a inferência de uma forma PRO. Segue abaixo um exemplo de análise. Os índices subscritos marcam cada uma das cadeias coesivas.

A outra vez **foi** no num romance [meu]₁. [PRO]₁ **Estava vindo** da casa da namorada [PRO]₁. hé! [PRO]₁ **Estava** num caminho de terra com canavial pra lá e pra cá, a estrada de chão no meio. Foi nessa que [eu]₁ **vi** [PRO]₂ também. É. Mais [eu]₁, toda a vida [eu]₁ **usei** a cabeça [PRO]₁, né, do cara. Foi intuição [PRO]₁, né, que [PRO]₁ **era** pessoa antigo. Aí [eu]₁ **andava** com [o revólver]₃ e sempre na, na cabeça da bala [PRO]₃ [eu]₁ **passava** aquela cera de vela benzida. Daí, aí, quando [ele]₂ **pintou** na [minha]₁ frente, [eu]₁ **arranquei** [o revólver]₃. [PRO]₁ **Sabia** que era [ele]₂, né? [PRO]₁ **Arranquei** com [o revólver]₃, mas [PRO]₁ num **atirei** [PRO]₃ [nele]₂. Se [eu]₁ **fosse atirar** [PRO]₃ [nele]₂, num **ia pegar** [PRO]₂, que [revólver]₃ que [eu]₁ **tenho** num **alcança** [ele]₂. O primeiro o tiro [PRO]₃ que [eu]₁ **dei** [nele]₂, [PRO]₂ **sumiu** pro canavial, [PRO]₂ **desapareceu** da [minha]₁ vista. Mas [PRO]₂ **era** [o cachorrão]₂, né, grandão, né? [PRO]₂ **Era** [o lobisomem]₂, né?

Com base nessa análise, estabelecemos os tempos em segundos de cada elemento que faziam remissão às formas prototípicas [eu]₁ o narrador, [ele]₂ o lobisomem e [revólver]₃:

Quadro 1. Exemplo de análise de lapsos de referência com valores em segundos

	[eu] ₁	[ele] ₂	[revólver] ₃
[A outra vez]0 foi no num romance [meu]1.	3,7803		
[PRO]1 Estava vindo da casa da namorada [PRO]1. hé!	4,4397		
[PRO]1 Estava num caminho de terra com canavial pra lá e pra cá, a estrada de chão no meio.	7,9217		
Foi nessa que [eu]1 vi [PRO]2 também. É.	14,5953	14,87	
Mais [eu]1, toda a vida [eu]1 usei a cabeça [PRO]1, né, do cara	18,6054		
foi intuição naquela [pessoa antigo]1	22,4914		

Aí [eu]1 andava com [o revólver]3 e	25,4896		26,1037
sempre na, na cabeça da bala [PRO]3 [eu]1 passava aquela cera de vela benzida.	28,8518		28,7153
Daí, aí, quando [ele]2 pintou na [minha]1 frente,	35,5002	35,0302	
[eu]1 arranquei [o revólver]3.	35,849		36,4176
[PRO]1 Sabia que era [ele]2, né?	38,8043	37,4866	
[PRO]1 Arranquei com [o revólver]3,	38,5288		38,9913
mas [PRO]1 num atirei [PRO]3 [nele]2.	39,4841	39,9011	39,4841
Se [eu]1 fosse atirar [PRO]3 [nele]2,	41,3981	42,1714	41,7241
num ia pegar [PRO]2,		42,7401	
por causa que [ele]3 tenho num alcança [ele]2.		44,5404	44,021
O primeiro o tiro [PRO]3 que [eu]1 dei [nele]2,	47,1257	47,4973	46,8756
[PRO]2 sumiu pro canavial,		48,6759	
[PRO]2 desapareceu da [minha]1 vista.	50,5444	49,7635	
Mas [PRO]2 era [o cachorrão]2, né, grandão, né?		52,4003	
[PRO]2 Era [o lobisomem]2, né?		55,1879	

Fonte: Elaboração própria

Os valores médios obtidos para a diferença entre cada ocorrência de elementos formadores de cadeias coesivas vão dispostos no Quadro 2 abaixo.

Quadro 2. Valores médios em segundos de lapsos entre referências

	anafóricos de 3p	elipses anafóricas	correferências nominais
narrativa 1	4,15	5,78	11,22
narrativa 2	5,18	7,08	6,26
narrativa 3	5,11	3,96	7,41
narrativa 4	6,04	4,84	21,09
narrativa 5	5,12	4,06	8,63
narrativa 6	4,26	4,27	6,85
narrativa 7	6,81	3,07	20,60
narrativa 8	2,42	1,58	12,96
narrativa 9	5,07	2,52	9,32
narrativa 10	3,34	1,16	3,56
narrativa 11	4,17	1,59	3,92

Fonte: Elaboração própria

Uma comparação geral entre esses valores apontou uma diferença significativa ($F_{o(9,985)} > F_{c(3,316)}$; $p < 0,001$). Testes t realizados de forma recorrente entre as cadeias coesivas discriminaram uma diferença significativa entre as sequências de correferências nominais, cujos intervalos entre elementos coesivos foram sistematicamente maiores do que os intervalos entre as demais ($p < 0,001$, para ambas as comparações, com $t_{o(3,32)} > t_{c(1,8)}$ e $t_{o(3,6)} > t_{c(1,8)}$). Houve uma pequena variação entre os valores médios obtidos entre os anafóricos, quando comparados entre si, com variação monocaudal significativa ($p < 0,05$; $t_{o(0,4)} > t_{c(1,8)}$). Os valores médios obtidos desses intervalos foram, em segundos: 3,63 seg. para elipses anafóricas, 4,70 seg. para anáforas de 3p e de 10,17 seg. para correferências.

Essa variação caracteriza formas elípticas anafóricas e anafóricos de 3p como elementos preferenciais na formação de cadeias coesivas em narrativas orais.

Considerações finais

O propósito desta investigação foi o de verificar o tempo entre ocorrências de elementos componentes de cadeias coesivas. Os valores obtidos de lapso mínimo, máximo, médio, de dispersão (DP, para desvio padrão) e coeficiente de variação (cv) vão respectivamente dispostos no Quadro 3 abaixo.

Quadro 3. Valores médios em segundos obtidos para lapsos entre as referências

	Mínimo	Máximo	Media	DP	cv
Anafóricos de 3p.	2,42	6,81	4,70	1,22	0,26
Elipses anafóricas	1,16	7,08	3,63	1,86	0,51
Correferências	3,56	21,09	10,16	5,97	0,59

Fonte: Elaboração própria

A comparação das cadeias coesivas quanto aos tempos de ocorrências materiais recuperadas durante a audição/leitura e de seus elementos componentes mostrou uma que as cadeias coesivas formadas por correferências nominais apresentam lapsos sistematicamente maiores do que as formadas por anafóricos de 3p e por elipses anafóricas. Por sua vez, as cadeias formadas por elipses anafóricas têm os menores lapsos temporais entre seus elementos componentes. A medida de dispersão feita pelo coeficiente de variação (cv) mostrou que os anafóricos de 3p. são os que têm uma maior regularidade da ocorrência no conjunto).

Esses resultados corroboram os que foram encontrados por Leitão e Simões (2011). Os autores verificaram que pronomes eram identificados mais rapidamente do que nomes repetidos. Eles justificaram essa diferença considerando a proposta de Grozs e colegas

(1983) para os quais” o uso referencial de sintagmas nominais definidos introduz a necessidade de levar em conta fatores pragmáticos (em particular a intenção do falante), e não apenas fatores semânticos.”¹¹ Desse ponto de vista, espera-se que correferências nominais exijam, pois, uma maior participação tanto do autor como do interlocutor, na medida em que se torna necessário um processo de atualização dos interpretantes gerados. No caso particular dos pronomes isso não parece necessário. Leitão e Simões propõem esse fato para o português, afirmando que ocorre “maior eficiência do pronome por se tratar de um recurso linguístico com menor quantidade de traços semânticos, se comparado ao nome repetido, tendo assim uma menor carga informacional levando a um processamento menos custoso para a memória de trabalho” (p. 271). Egusquiza e colegas (2014) também chegaram a resultados semelhantes em sua investigação para o espanhol. Segundo eles, as anáforas nominais eram lidas mais rapidamente quando se referiam a antecedentes de alta frequência do que a antecedentes de baixa frequência, e mais rapidamente quando se referiam a sujeitos do que a objetos. Embora essa questão sintática não estivesse em foco neste trabalho, é significativo o resultado dos autores ao afirmar que os tempos de leitura dos pronomes não foram afetados pela frequência e pela posição sintática do antecedente, portanto, a informação sintática das palavras não é sensível à frequência.

A geração de novos interpretantes a partir de estímulos linguísticos imagéticos eventuais manifestos materialmente como anáforas nominais (Milner, 2003) parece efetivamente ter um “custo” cognitivo maior do que a reprodução de esquemas prontos (Mandler, 1984; Bruner, 1991b), retomados por meios de anafóricos de 3ª e elipses anafóricas. Desse ponto de vista, a reprodução de formas narrativas seria facilitada não somente pela reprodução de esquemas, mas também pelo fato, a se tomar a hipótese de Grosz e colegas (1983), de que não seria necessário levar em conta fatores pragmáticos (em particular a intenção do falante) uma vez que o processamento seria feito apenas internamente pelos dados apresentados pela própria narrativa, dispensando dados externos. Esse aspecto permite que se atribua uma credibilidade maior a discursos formados por cadeias coesivas dessa natureza, uma vez que não permitiria ao interlocutor contrastar as informações obtidas pelo discurso em foco, tornadas interpretantes, com as que poderia obter por meio de comparações com dados de seu contexto de situação. O envolvimento do interlocutor com o texto, nesse caso, decorre da atenção contínua mantida em suspense por meio de tais cadeias coesivas, tal como fora proposição feita por Ricouer (1979).

Agradecimentos

Agradecemos ao CNPq, Processo: 421369/2018-3, da FAPESP 2021/00531-2 e da USP por meio de bolsas IC-PUB, e aos pesquisadores de IC Alice Neiva Novais, manda Caroline Nemer Santos Rosário, Ana Clara Helena Soares, Higor Alves Sena, Juan Costa Carreiro,

¹¹ No original: “[...] the referential use of definite noun phrases introduces the need to take pragmatic factors (in particular speaker intention) into account, not just semantic factors” (p. 46).

Mariana Nitzschke Padilha, além da Dra. Ana Cristina Aparecida Jorge e do Dr. Marcus Vinicius Moreira Martins que colaboram intensamente para a formação do banco de dados de narrativas orais do projeto ExProsodia. Todas as gravações passaram por avaliações de Comitês de Ética na Pesquisa Científica, segundo os pareceres 65226917.5.0000.5421, 67647517.6.0000.5561 e 43044321.9.0000.5561, disponíveis na Plataforma Brasil.

Referências

BALDASSANO, C.; CHEN, J.; ZADBOOD, A.; PILLOW, J. W. *et al.* Discovering Event Structure in Continuous Narrative Perception and Memory. *Neuron*, 95, n. 3, p. 709-721, 2017.

BARRETO, L. *Obra reunida*, volumes 1, 2 e 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BERRIDGE, C. K.; ROBINSON, T. E. What is the role of dopamine in reward: hedonic impact, reward learning, or incentive salience? *Brain Research Reviews*, n. 28, p. 309-369, 1998.

BRUNER, J. *Acts of Meaning*. Cambridge: Harvard University Press, 1991a.

BRUNER, J. Narrative construction of reality. *Critical Inquiry*, v. 18, n. 1, p. 1-21, 1991b.

ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

EGUSQUIZA, N.; NAVARRETE, E; ZAWISZEWSKI, A. Antecedent Frequency Effects on Anaphoric Pronoun Resolution: Evidence from Spanish. *Journal of Psycholinguistic Research*, n. 45, p. 71-84, 2014.

FREGE, G. Über Sinn und Bedeutung. *Zeitschrift für Philosophie und philosophische Kritik*, NF 100, 1892, S. 25-50. Disponível em: https://www.philosophie.uni-muenchen.de/studium/das_fach/warum_phil_ueberhaupt/frege_sinn_und_bedeutung.pdf. Acesso em: 31 jul; 2023.

FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. In: FREGE, G. (ed.). *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 59-86.

GROSZ, B. J.; JOSHI, A. K.; WEINSTEIN, S. Providing a unified account of definite noun phrases in discourse. In: Proceedings of the 21st annual meeting of the association for computational linguistics. Cambridge, MA. 1983. Disponível em: <https://aclanthology.org/P83-1007.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2024.

HALLIDAY, M.; HASAN, R. *Cohesion in English*. 2 ed. Londres: Longman, 1977.

HOCKETT, C. F. *A course in modern linguistics*. New York: The Macmillan Company, 1958.

HUCKVALE, M. A. *et al. The SPAR Speech Filing System*. European Conference On Speech Technology. Edinburgh, 1987.

HUCKVALE, M. *Speech Filing System v.4.7/Windows SFSWin* 2008.

KOCH, I. G. V. Como se constroem e reconstroem os objetos do discurso. *Investigações*, v. 21, p. 99-114, 2008.

KOCH, I. V.; VILELA, M. *Gramática da língua portuguesa*. Gramática da palavra. Gramática da frase. Gramática do texto/discurso. Coimbra: Almedina, 2001.

LEITÃO, M. M.; SIMÕES, A. B. G. A influência da distância no processamento correferencial de pronomes e nomes repetidos em português brasileiro. *Veredas Online, Atemática*, n. 1, p. 262-272, 2011.

MANDLER, J. M. *Stories, scripts, and scenes: aspects of schema theory*. Hillsdale: Laurence Erlbaum Associates, 1984.

MARTINS, M. V. M.; FERREIRA-NETTO, W. Variações entoacionais em narrativas populares: análises preliminares da codificação do contexto. *Leitura (UFAL)*, 72, p. 118-134, 2022.

MILNER, J-C. Reflexões sobre a referência e a correferência. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B. *et al. (ed.). Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 85-130.

MONDADA, L. La construction discursive des objets de savoir dans l'écriture de la science. *Réseaux*, v. 13, n. 71, p. 55-77, 1995.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B. *et al. (ed.). Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

NIEOULLON, A. Dopamine and the regulation of cognition and attention. *Progress in Neurobiology*, v. 67, n. 1, p. 53-83, maio 2002. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0301008202000114>. Acesso em: 11 abr. 2024.

PEIRCE, C. S. *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce* reproducing Vols. I-VI ed. Charles Hartshorne and Paul Weiss (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1935), Vols. VII-VIII ed. Arthur W. Burks (same publisher, 1958). 1994. Disponível em: <https://colorysemiotica.files.wordpress.com/2014/08/peirce-collectedpapers.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2024

RICOEUR, P. L'identité narrative. In: RICOEUR, P. (org.). *Anthopologie Philosophique. Écrits et conférences* 3. Paris: Éditions du Seuil, 2013.

RICOEUR, P. La fonction narrative. *Études théologiques et religieuses*, v. 54, n. 2, p. 209-230, 1979. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/ether_0014-2239_1979_num_54_2_2513. Acesso em: 11 abr. 2024

ROHAUT, B.; ALARIO, F. X.; MEADOW, J.; COHEN, L. et al. Unconscious semantic processing of polysemous words is not automatic. *Neuroscience of Consciousness*, n. 1, p. 1-19, 2016.

ROSCH, E. Cognitive representation of semantic categories. *Journal of Experimental Psychology: Geral*. v. 104, n. 3, p. 192-233, 1975.

ROSCH, E. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MOORE, T. (ed.). *Cognitive development and the acquisition of language*. New York: The Research Foundation of State University of New York; Academic Press, 1973. p. 111-144.

SANCHEZ, J.; SPENCER, K. Preliminary evidence of discourse improvement with dopaminergic medication. *Advances in Parkinson's Disease*, v. 2, n. 2, p. 37-42, 2013. DOI: 10.4236/apd.2013.22007. Disponível em: https://www.scirp.org/html/1-2620006_31150.htm. Acesso em: 11 abr. 2024.

XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. (org.). *Dicionário de termos linguísticos*, volume II. Lisboa: Edições Cosmos, 1992.